

ANTONI, Clarissa de e KOLLER, Sílvia Helena. *A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar*. Estudos de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 347-381.

Ediléia Gomes Barbosa (FAPAN)¹

Leonardo Gomes Barbosa (SEDUC-MT)²

A definição de família perpassa pelo ramo da antropologia, sociologia e psicologia. A antropologia à define através de sua estrutura, do grau parentesco sanguíneo, de aliança ou de filiação. A sociologia define por tipologia familiar. Para a psicologia, diferentemente, família é definida pelo grupo de ralação independentemente de grau parentesco, tem como principal influência a característica da união.

Segundo este modelo, a família é uma unidade funcional, isto é, um microsistema, no qual as relações devem ser estáveis, recíprocas e com equilíbrio de poder entre os diversos papéis. Este pequeno sistema está inserido em outros, mesossistema, exossistema e macrossistema. Os sistemas familiares estão interligados de forma que, um influencia o outro.

O mesossistema consiste na inter-relação de dois ou mais ambientes, nos quais a pessoa/família em desenvolvimento participa ativamente. O exossistema é composto por ambientes nos quais apenas um ou mais membros da família mantém relações face a face, interagindo diretamente, é o exemplo da relação com o trabalho, escola etc. que cada um mantém, estas relações tem influência na família do envolvido.

O macrossistema é o sistema mais amplo que abrange aos demais. É composto pelo padrão global de ideologias, valores, crenças e organização social comum a uma determinada cultura ou subcultura. Esta é maneira mais global de ver a família, onde ela sofre influências de acordo com a organização de valores.

Portanto, analisar por sistemas, é a maneira mais comum de se entender a relação e a composição familiar, porém, na medida em que ocorrem as mudanças de fases na vida do indivíduo esta estrutura também pode sofrer alterações. Uma dessas alterações é o papel

¹ Graduada em Geografia pela UNEMAT, atualmente é aluna do curso de Psicologia da FAPAN – Faculdade do Pantanal. Email: Ebarbosa003@gmail.com

² Graduado em História pela UNEMAT, atualmente é professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, na Escola Estadual “Bernardino Gomes da Luz” em Colniza-MT. Email: Lgbleonardo@hotmail.com

ANTONI, Clarissa de e KOLLER, Sílvia Helena. *A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar*. Estudos de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 347-381.

exercido por pais e filhos, que muda de acordo com a evolução do filho, e o tratamento dispensado a eles também se torna diferenciado.

Estas definições são do ponto de vista do parâmetro idealizado de família como sistema, no entanto, temos as famílias que estas estruturas estão em desarmonia, isto porque, estão afetadas por diversos tipos de violência e abuso. O texto indica que de acordo com algumas pesquisas estas violências, sejam elas emocional, sexual ou físico, em 80% dos casos são praticados pelos pais do indivíduo e, que em 90% dos casos a figura mais evidente é a do pai. Estas agressões são, comumente, mantidas em segredo até a adolescência, onde o indivíduo munido de outra perspectiva torna público e evidente tomando diversos meios de solução, como a denúncia, ou mesmo deixando a família.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê o amparo para estas vítimas, no entanto, há em geral inadequação entre a denúncia e a implementação de uma pretensa medida de proteção, as formas de tratamento dos casos afastam a criança ou adolescente do ambiente familiar.

Portanto, esta é uma pesquisa que está proposta através do estudo de doze adolescentes entre 12 e 17 anos que sofreram algum tipo de violência intrafamiliar, e procura identificar qual visão de família elas tem. Estas foram divididas em dois grupos “A” e “B”. Utilizando o sistema focal de pesquisa foram sugeridos os seguintes temas: O que é família? Quem faz parte de uma família? Quais são as principais funções da sua família? Quais são as principais funções de seu pai, da sua mãe, dos seus irmãos e sua? Como você vê sua família no passado? Como você vê sua família atualmente? O que você espera de uma família? Como será sua família no futuro?

As autoras buscam na divisão da pesquisa em dois grupos “focal”, analisar de forma mais elaborada a visão das meninas sobre a família e seus respectivos papéis. O texto demonstra de forma clara que há algumas divergências no significado que família representa para cada grupo.

No grupo focal “A”, por exemplo, a família é formada mais por laços afetivos do que por laços sanguíneos. É pertencente a família aquele que cuida que dá amor, carinho, proteção etc. Por outro lado, o grupo focal “B” representa a família, no seu ponto de vista, aqueles cujos os quais tem ligação sanguínea.

Para os dois grupos as relações na família, são compostas por elementos indesejados, os quais substituem aqueles idealizados por elas. Estes elementos são citados como a presença de violência, drogas e conflitos no relacionamento. No grupo focal “A” o pai

e mãe exercem no mesmo nível seus papéis, tendo os mesmos deveres e responsabilidades. Já para o “B” prepondera, que cada um tem sua função específica, sendo o pai mais autoridade e a mãe mais protetora.

Ambos os grupos apontam um relacionamento mais conflituoso com a mãe. As autoras aí salientam que, este conflito pode estar relacionado com o fato do maior tempo de convivência entre mãe e filha. Na mesma linha é evidenciado nos dois grupos uma ausência mais acentuada do pai.

Nos dois grupos o papel do irmão mais velho é bem incomum, ou seja, de ser amigo, ajudar e dar proteção aos mais novos. No entanto, no primeiro grupo aparece uma idealização que as autoras chamam de “pseudo autoridade” a qual na verdade não existe, enquanto que no segundo grupo a perspectiva não fica tão evidente.

Os papéis delas nas famílias tem uma marca gritante de definição. No primeiro parece que elas por se interagir com mais ênfase nos a fazeres domésticos, esquece-se de que pertence e, que tem um papel em suas famílias. No segundo, este papel é representado por “obrigações” sistemáticas de retribuir o que recebe da família fazendo-a feliz.

Substancialmente, estas visões sobre os membros que compõe os microssistemas familiares, para as autoras deixam papéis que não são cumpridos de forma mútua, este fator deixa as adolescentes vulneráveis por esta falta de cumprimento efetivo dos papéis por elas elencadas. Esta caracterização será observada nas expectativas (sonhos) de como estas adolescentes pensam em formar suas futuras famílias. Por estes motivos, observam-se nos dois grupos que as mesmas buscam para o futuro um companheiro que lhe garantam proteção, que seja honesto, amoroso e companheiro, justamente sentimentos percebidos como ausentes em suas famílias.

Partindo deste pressuposto podemos afirmar que o texto em questão, está focado em analisar de forma sistemática a visão das adolescentes que sofreram algum tipo de abuso, tem sobre suas famílias. Vemos então que alguns fatores na pesquisa são levados em consideração de forma um tanto genérica, como por exemplo, a idade específica de cada uma das reportadas, escolarização, classe social a que pertence etc. percebemos que estes dados não estão totalmente explícitos no texto.

Prepondera-se que, estes são fatores essenciais para compreender e analisar as respostas, e os porquês das visões de cada uma sobre suas famílias, visto que as autoras utilizam do argumento de que o mesossistema e macrossistema tem influência nas relações do microssistema. São fatores fundamentais que poderiam ser levados em consideração, pois contribuiriam para melhor entender as dicotomias nas definições dos dois grupos.

ANTONI, Clarissa de e KOLLER, Sílvia Helena. *A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar*. Estudos de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 347-381.

No entanto, este fator não desmerece o trabalho realizado. Do ponto de vista da psicologia é de extrema importância o diagnóstico proposto. Um ponto muito positivo foi a separação das meninas em dois grupos para a proposta da pesquisa.

O livro por ser um relatório de pesquisa, não faz uma proposta teórica, apenas pré-dispõe a discutir com outros referenciais que busca uma análise na mesma linha e, por estas características pode ser indicado aos estudantes de psicologia e ciências sociais em geral, podendo ser tratado também em reuniões interdisciplinares, conselhos etc. e pode ser usados ainda, como parâmetros para outras propostas de pesquisas sobre o tema, isto porque o trabalho nos remete a refletir nos valores, idéias e ideais de família, nas representações dos papéis de cada membro que a compõe no ponto de vista da psicologia.

Clarissa de Antoni é Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Psicologia, e Psicóloga. Tem experiência em docência, pesquisa e prática profissional na área de Psicologia com ênfase na Saúde Comunitária. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Sílvia Helena Koller é Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora Honorária da Universidad de Chiclayo, Peru e da Universidad Autónoma de Peru; Orientadora de Doutorado e Mestrado; Coordenadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua. Membro titular e Coordenadora do Comitê de Assessoramento de Psicologia e Serviço Social do CNPq (CA-PS).